



Paisagens para ver, ouvir e sentir¹

Andréa Haddad Barbosa²

Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Brasil

<https://orcid.org/0009-0004-1654-7710>

Resumo: Partimos do entendimento de que o conceito de paisagem é algo complexo e envolve aspectos objetivos e subjetivos. Neste artigo, buscamos analisar as percepções de estudantes de pedagogia sobre uma vivência de observação da paisagem, numa perspectiva multissensorial. Isto é, almejamos, em alguma medida, proporcionar aos estudantes a compreensão e a vivência do conceito. Participaram desta pesquisa quarenta e nove estudantes do curso de pedagogia de uma universidade pública, no ano de 2025. Como resultados, os estudantes puderam constatar que a leitura da paisagem envolve a subjetividade de quem a vê. Mais do que isso, a atividade fez emergir reflexões sobre o estilo de vida em que estamos imersos, que nos distancia do sentir, da observação atenta, da importância de experiências mais sensíveis na formação docente e que nos conecta com os nossos espaços de vivência.

Palavras-chave: Paisagem multissensorial. Educação Ambiental. Ensino de geografia. Lugar.

Paisajes para ver, oír y sentir

Resumen: Entendemos que el concepto de paisaje es complejo y abarca aspectos tanto objetivos como subjetivos. En este artículo, buscamos analizar las percepciones de estudiantes de pedagogía respecto a la experiencia de observar el paisaje desde una perspectiva multisensorial. Es decir, buscamos, en cierta medida, brindarles comprensión y experiencia del concepto. Cuarenta y nueve estudiantes de pedagogía de una universidad pública participaron en este estudio en 2025. Los resultados revelaron que la interpretación del paisaje implica la subjetividad de quienes lo observan. Más aún, la actividad planteó reflexiones sobre el estilo de vida en el que estamos inmersos, que nos aleja de la sensibilidad, la observación atenta y la importancia de experiencias más sensibles en la formación docente, que nos conectan con nuestros espacios vitales.

Palabras-clave: Paisaje multissensorial. Educación Ambiental. Enseñanza de la geografía. Lugar.

Landscapes to see, hear and feel

Abstract: We understand that the concept of landscape is complex and encompasses both objective and subjective aspects. In this article, we seek to analyze the perceptions of pedagogy students regarding the experience of observing the landscape from a multisensory perspective. That is, we aim, to some extent, to provide students with an understanding and experience of the concept. Forty-nine pedagogy students from a public university participated in this study in 2025. The results revealed that interpreting the landscape involves the subjectivity of those who view it. More than that, the activity brought to light

¹ Recebido em: 21/07/2025. Aprovado em: 23/11/2025.

² Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Filadélfia (2002) e mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (2006), doutorado em Educação pela UNESP/MARÍLIA (2014), na área da Administração da Educação. E-mail: andreahb@uel.br

reflections on the lifestyle in which we are immersed, which distances us from feeling, attentive observation, and the importance of more sensitive experiences in teacher training, which connect us with our living spaces.

Keywords: Multisensory landscape. Environmental Education. Geography teaching. Place.

INTRODUÇÃO

As paisagens estão presentes no cotidiano das pessoas e são inúmeras ao longo de nossas vidas. No entanto, muitas vezes, não paramos para observá-las com um olhar mais atento e curioso. Não damos espaço para a paisagem “falar” e estabelecer um “diálogo”, considerando aquilo que vemos, sentimos, ouvimos e a forma como nos relacionamos com esses lugares de vivência e como somos influenciados por eles. Trata-se de um diálogo sutil, mas é inegável a sua existência. Para os mais apressados, a paisagem pode se resumir a um conjunto de objetos e formas; para outros, que “dialogam” com ela, representa um cenário com complexas relações.

O conceito de paisagem é polissêmico. Na literatura, podem ser encontradas definições que se diferenciam de acordo com os autores, áreas do conhecimento, momento histórico e aspectos culturais (Fedrizzi; Owens, 2018; Ferreira, 2017; Felício, 2021; Holliver, 2020, entre outros). Neste estudo, vamos abordar o conceito de paisagem considerando sua complexidade, que envolve, entre outros elementos, a subjetividade de quem a interpreta. De forma associada, será apresentado o conceito de lugar, na perspectiva de Yi-Fu Tuan (2012; 2013; 2018).

O intuito de abordar esses conceitos, numa perspectiva que considera a subjetividade humana, é um convite para ir além dos aspectos visuais. Isso nos permite uma conexão com as paisagens dos lugares de nossa vivência e perceber detalhes, evocar sentimentos, refletir, considerando a razão e a emoção, o objetivo e o subjetivo, o que nos torna mais sensíveis aos demais seres viventes e compreender relações de interdependência entre humanos e não humanos. Holliver (2020, *on-line*), ao refletir sobre a paisagem na perspectiva de Anna Tsing, afirma:

Uma paisagem é sempre composta de um agregado de vidas que interagem em agrupamentos abertos, nos quais, na maior parte dos casos, temos os humanos dentre uma multiplicidade de seres. Explicitar essas relações exige que nos distanciemos dos binarismos, quer dizer, não basta apenas conceder agência aos não humanos; é preciso preencher a paisagem com toda vida que ela contém, retirando o humano de seu altar monárquico sobre uma natureza subjugada.

Parte significativa das pessoas possui rotinas em que o viver é acelerado, atravessado por inúmeros compromissos, preocupações diversas, pelo demasiado uso das tecnologias e o distanciamento dos espaços naturais. Parar, observar e sentir as paisagens e os lugares tem se tornado, a cada dia, mais raro.

Diante do que foi exposto, buscamos propiciar aos estudantes de pedagogia práticas de observação e vivência em espaços externos à sala de aula. Entendemos que o ensino da geografia na infância, em diálogo com a educação ambiental (EA), deve valorizar sempre que possível, a ligação dos conteúdos com a vida real. Propiciar essas vivências e, em alguma medida, a conexão com a natureza e a compreensão das relações que envolvem os mais variados seres vivos e os diferentes elementos, que compõem a paisagem, é importante para a formação das crianças e, também, dos futuros professores.

Ao mencionar a educação ambiental no âmbito escolar, é relevante esclarecer que ela não se representa um bloco único. Ao contrário, é composta por perspectivas e referenciais teóricos e metodológicos distintos. Conhecê-los; ajuda-nos a fazer escolhas mais conscientes e adequadas aos objetivos e aos contextos nos quais a EA será vivenciada.

Layrargues e Lima (2014) apontam para três grandes tendências que envolvem aspectos políticos e pedagógicos a respeito da educação ambiental brasileira: a conservacionista, a pragmática e a crítica. Vale ressaltar que, embora os autores tenham despendido esforços intelectuais para caracterizá-las, eles mesmos alertam que, dentro delas, existem variações. Em outras palavras, há caminhos que envolvem diferentes ênfases, teorias e formas pelas quais a EA se manifesta. Essa diversidade foi analisada por Sauvé (2005), que apresentou quinze correntes; que representam formas de conceber e de colocar em prática a educação ambiental.

Em relação às macrotendências analisadas por Layrargues e Lima (2014), os autores pontuam muito bem as limitações das perspectivas conservacionista e pragmática, ressaltando a abordagem crítica como uma possibilidade profícua para tratar da complexidade da EA. Diante desta abordagem, destacam-se aspectos imprescindíveis para entender as relações de poder, as desigualdades, a injustiça socioambiental, entre outras pautas, e suas relações com a educação ambiental. É inegável a importância e a contribuição da vertente crítica.

No entanto, é preciso ponderar que essa vertente, embora imprescindível para o entendimento de certos aspectos da dinâmica social, talvez não seja suficiente quando se pensa na formação de professores voltada para a educação na infância e quando se busca uma visão não antropocêntrica. Isso não significa excluí-la da formação docente, mas posicionarmos quanto à complexa teia de interações e desafios que envolvem a educação ambiental, pois é necessário considerar também o objetivo e o subjetivo; a razão e a emoção (Tuan, 2012; 2013); os seres humanos e não humanos (Tsing, 2018); os elementos e fenômenos da natureza; os aspectos culturais, as relações de interdependência (Santos, 2014). Em outras palavras, ter uma visão holística em referência à “[...] totalidade de cada ser, de cada realidade, e à rede de relações que une os seres entre si em conjuntos onde eles adquirem sentido” (Sauvé, 2005, p. 27).

Ao abordar paisagem e lugar, por que não ter como ponto de partida a observação e a análise das paisagens que nos são familiares? No lugar de, simplesmente, observar e analisar os elementos visíveis, por que não dar espaço para uma observação mais atenta, que envolve outros sentidos além da visão? Por que não deixar a emoção fluir e considerar a subjetividade? Por que não incluir a conexão com a natureza, o respeito e o reconhecimento da importância dos demais seres viventes? Por que não ampliar nossa compreensão sobre as relações construídas entre humanos e não humanos (Tsing, 2018) expressas nas paisagens? Pode parecer algo fácil, mas não é. É preciso romper com paradigmas muito bem sedimentados em nossa sociedade e formar professores dentro dessa perspectiva e, para isso, é necessário ir além da aprendizagem conceitual e viver a experiência.

Este artigo é parte de uma pesquisa ampla que teve por objetivo geral analisar as atividades discentes, em geografia e educação ambiental, no que diz respeito à apropriação dos conteúdos e à percepção dos estudantes de pedagogia acerca do que foi vivenciado. Especificamente, neste trabalho, buscou-se analisar as percepções de estudantes de pedagogia sobre uma vivência de observação da paisagem, numa perspectiva multissensorial. Vale destacar que, de acordo com a lei nº. 9795/99, a educação ambiental não deve se constituir como uma disciplina, mas deve estar presente nos diversos componentes curriculares (Brasil, 1999). Entendemos que compreender e vivenciar a paisagem, numa perspectiva multissensorial, contribui para o conhecimento,

a sensibilização e as reflexões acerca do espaço vivido e das questões ambientais que o envolvem.

A paisagem está em constante movimento e nela estão expressos aspectos culturais, históricos, dinâmicas e contradições sociais, problemas ambientais (Tsing, 2018; Felicio, 2021). Ela também é reveladora de interações complexas entre os humanos e não humanos (Tsing, 2018). Essas relações nem sempre são óbvias para a maioria das pessoas, mas é certa a sua existência. Nesse sentido, entendemos a paisagem como manifestação da vida, e, ao pensar no ensino, ela se revela um ponto de encontro que pode abarcar os conteúdos, as reflexões e vivências em geografia e educação ambiental, que é o foco deste artigo.

PAISAGEM, LUGAR E EXPERIÊNCIA: um convite à reflexão

Esta seção nos convida a refletir sobre o conceito de paisagem. Fedrizzi e Owens (2018) trazem algumas reflexões sobre o significado dessa palavra. Elas ressaltam que se trata de um termo polissêmico, ou seja, é entendido de diferentes maneiras pelos grupos profissionais que a têm como objeto de trabalho. Dito de outra forma, é portadora de diferentes definições e, quando se pensa em paisagem, há que se considerar a sua complexidade.

A paisagem pode ser compreendida como tudo o que a nossa visão é capaz de alcançar. No entanto, essa definição é um pouco simplista, pois ela também envolve cheiros, cores, movimentos e sons. Mais do que isso, abrange a percepção de quem a vê, que é algo seletivo e pessoal (Santos, 2014). As pessoas captam as informações por meio dos sentidos, mas selecionam determinados aspectos e interpretam com a sua subjetividade. Em outras palavras, cada indivíduo percebe a paisagem de forma distinta, o que implica em diversas interpretações.

Para Santos (2014), a paisagem é dinâmica e está sempre em movimento. Pode ser considerada como uma herança em que há, ao mesmo tempo, aspectos de diferentes momentos históricos; um conjunto heterogêneo que expressa elementos culturais específicos da sociedade na qual está inserida. Uma paisagem de uma comunidade ribeirinha é significativamente diferente do centro de uma grande metrópole. Tal

diferenciação se deve, por exemplo, aos elementos naturais, ao estilo das edificações, aos aspectos culturais e à própria dinâmica social presente em cada contexto.

Meinig (2002) argumenta que a paisagem envolve o significado daquilo que está sendo visto. Mesmo que um grupo de pessoas olhe na mesma direção, não está vendo, exatamente, a mesma paisagem. Com certeza, haverá vários pontos comuns relativos aos elementos que a compõem. Entretanto, a paisagem não envolve apenas aquilo que nós podemos enxergar, também é composta “por aquilo que se esconde em nossas mentes” (Meinig, 2002, p. 35). Para o autor, o que ganha destaque não são os elementos físicos, mas as ideias que organizam e dão sentido àquilo que vemos numa paisagem.

Como exemplos, pode-se entender a paisagem como natureza, recurso, problema, riqueza e muitas outras interpretações. Cada um desses entendimentos influencia não apenas o sentido atribuído a ela, como pode determinar a ação humana em relação a esse espaço. Ao conceber a paisagem como fonte de riqueza, por exemplo, os aspectos observados são interpretados tendo como foco os fins comerciais, ou seja, o quanto esse espaço pode ser rentável. O autor argumenta que é importante compreender as bases ou as ideias que influenciam a interpretação da paisagem, que são diversas. A forma como a paisagem se configura ou toma forma para o indivíduo é um reflexo dos seus valores.

Fedrizzi e Owens (2018) ressaltam que, ao se pensar em paisagem, é preciso também entender que nela está envolvida uma relação de interdependência entre os seres vivos, humanos ou não. Não se pode esquecer que é também composta por elementos como solo, rochas, água e ar, e recebe a ação de fenômenos naturais. Em síntese, ela é vida, no sentido de que está em constante movimento e interação. O nosso cotidiano é preenchido por inúmeras paisagens, e boa parte delas são muito familiares, o que nos convida a refletir um pouco sobre o conceito de lugar.

De forma bastante habitual, o lugar pode ser entendido como um ponto, uma localidade, um espaço ocupado por algo ou por alguém (Dicionário Priberam³, 2025). Trata-se de definições bastante usuais no cotidiano das pessoas. No entanto, neste artigo, tem-se interesse no conceito de lugar defendido por Yi-Fu Tuan (2013, 2018, 2012).

³ <https://dicionario.priberam.org/lugar>

O lugar é um centro de significado construído pela experiência. É conhecido não apenas através dos olhos e da mente, mas também através de modos de experiência mais passivos e diretos [...]. Num nível altamente teórico, os lugares são pontos no sistema espacial. Num extremo oposto, são sentimentos altamente viscerais. [...] Pressupõe enraizamento numa localidade e comprometimento emocional [...] (Tuan, 2018, p.6).

O ser humano conhece, interpreta, comprehende e vivencia o mundo através da experiência. É por meio dela que os lugares vão aos poucos adquirindo significados. Tuan (2012) utiliza o termo topofilia para definir os laços afetivos que as pessoas nutrem pelos lugares e que são construídos pelas experiências e a interpretação que se faz delas. “Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (Tuan, 2012, p. 19).

Um determinado espaço vai se tornar lugar à medida que a pessoa nutre sentimentos por ele, dotando-o de significados. Os motivos pelos quais as pessoas desenvolvem elos afetivos sobre os lugares de vivência vão além da razão, envolvem uma complexa relação com a subjetividade. “O lugar, em todas as escalas, da poltrona à nação, é um constructo da experiência, é sustentado não apenas pela madeira, concreto e estradas, mas também pela qualidade da consciência humana” (Tuan, 2018, p. 14).

Discorrer sobre a paisagem e o lugar, numa perspectiva que considera os elementos físicos e, também, as relações entre seres viventes, humanos ou não, abre possibilidades de um olhar mais amplo para esses conceitos, que são basilares no ensino de geografia, permitindo compreender a complexa relação entre a cultura, a subjetividade humana, a forma como interpretamos e nos relacionamos com esses espaços (Tuan, 2012; 2013) e com os demais seres viventes (Brito, 2021). Mais do que isso, é reconhecer que estamos interconectados. Para Tsing (*apud* Brito, 2021, p. 409), os “não humanos fazem parte de mundos sociais, construindo eles próprios relações sociais com humanos, mas também com outros não humanos”

Além disso, os laços afetivos que podemos nutrir pelos lugares de vivência são sentimentos que influenciam o nosso olhar e a nossa interpretação e podem, também, inspirar as nossas ações. Uma pessoa que cuida dos lugares do seu cotidiano (casa, rua, praças) tem sentimentos diferentes daquele que os depreda. É inegável dizer que os nossos sentimentos e valores, em alguma medida, influem em nossas ações com o meio ambiente (Tuan, 2012).

Nesse sentido, ao pensar na educação escolar, promover ações que vão além de se trabalhar os conceitos e que permitam a observação, a vivência, a exploração dos sentidos e a conexão com os espaços do cotidiano pode ser um diferencial tanto no ensino de geografia quanto no de educação ambiental. Diante dessa condição, não se está excluindo a dimensão crítica que temos que ter das questões ambientais, ao contrário, está se agregando mais uma dimensão que envolve um amálgama entre as informações captadas pelos diferentes sentidos, a percepção, os sentimentos, a razão e a relação com o meio ambiente. Para Pallasmaa (2017), a nossa existência no mundo envolve aspectos sensoriais e corporais, pois, mesmo sem termos a exata consciência, estamos nos comunicando com o nosso entorno. Vivenciar um lugar é uma espécie de diálogo.

Atualmente, a ideia de uma formação sensorial está relacionada apenas à educação artística propriamente dita, mas o refinamento de nossos sentidos e o pensamento sensorial possuem um valor insubstituível para todos nós em muitos outros âmbitos da atividade humana (Pallasmaa, 2017, p. 42).

Vivências que favorecem o manifestar da observação atenta, dos sentidos, dos sentimentos, da presença e, muitas vezes, o próprio silêncio de quem está imerso na experiência em conexão com os lugares é algo extremamente potente e pode nos conectar com a nossa humanidade mais refinada e o aflorar os melhores valores. Vivemos numa sociedade repleta de tantos estímulos tecnológicos e preocupações diversas que experiências como essas podem ser raras, mas são necessárias para nos conectar com a nossa humanidade mais sutil.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo integra as reflexões geradas a partir de uma pesquisa ampla, aprovada pelo Comitê de Ética (85242724.3.0000.5231), cujo objetivo geral foi conhecer e analisar os limites e as potencialidades das atividades propostas em sala de aula, referentes aos conteúdos de geografia e educação ambiental ofertadas no curso de pedagogia, tendo em vista a melhoria do processo de ensino, de aprendizagem e a reestruturação das disciplinas e oficinas pedagógicas ofertadas. A primeira etapa consistiu numa pesquisa bibliográfica e, na sequência, foi realizada a coleta de dados com estudantes de pedagogia.

Neste trabalho, são apresentados o resultado e a análise de uma das atividades. Tal atividade foi conduzida na disciplina de Didática da Geografia para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, aplicada no segundo ano do curso de Pedagogia, em 2025, e teve por objetivo compreender e vivenciar o conceito de paisagem. Participaram da pesquisa quarenta e nove (49) estudantes que foram divididos em duplas ou trios. Um dos componentes do grupo ficou responsável por conduzir a atividade e recebeu um envelope com oito tiras de papel, cada qual com uma orientação, que deveriam ser lidas em ordem cronológica, com o espaço de alguns minutos entre uma ação e outra. Ao sair da sala de aula, o grupo deveria escolher um local ao ar livre para dar início à atividade. Feito isso, as ações foram realizadas na seguinte sequência:

- 1- Encontrar uma paisagem, acomodar-se de forma a poder contemplá-la, respirar de forma lenta e profunda por algumas vezes.
- 2- Observar os elementos presentes na paisagem: que elementos são esses? Quais as suas formas? Quais as suas cores? São estáticos ou se movimentam? O que lhe chama a atenção? Simplesmente observe.
- 3- Descobrir se nessa paisagem há sons. Identifique que sons são esses. De onde vem esses sons? De pessoas? Da natureza? Esses sons são originados a sua frente, atrás de você, ao seu lado direito ou esquerdo? Apenas ouça.
- 4- Ainda em silêncio, respire fundo, tente fazer a expiração mais lenta. Essa paisagem tem cheiro? Que cheiro é esse? De onde vem? Este cheiro te provoca alguma sensação? Apenas sinta.
- 5- Continuem em silêncio e respirando calmamente. Essa paisagem lhes traz sensações na pele? Frio? Calor? Frescor? Vento? Permita-se sentir.
- 6- Vamos além da visão, da audição, do olfato e do tato! Que sentimentos essa paisagem lhe provoca?
- 7- Por fim...que interpretação você faz desta paisagem?
- 8- converse com a sua dupla sobre o que você viu, ouviu, cheirou, sentiu e interpretou. Depois dessa conversa, volte para a sala. Teremos um novo desafio.

Ao retornarem à sala de aula, os grupos tiveram que desenhar a paisagem observada e sentida, colocando os elementos como sons, cheiros, sensações e sentimentos.

Figuras 1 e 2: Alguns exemplos dos desenhos sobre a paisagem



Fonte: Grupos 18 e 9, (2025)

Na realização dos desenhos, alguns estudantes relataram dificuldades e estranhamentos. Como desenhar o movimento do vento, o cheiro, o som, a temperatura, um sentimento? Abriu-se espaço para a criatividade no uso das linhas, de palavras, de formas, escolha de cores, colagens etc. A ideia não foi fazer do desenho uma cópia fiel, mas representar o conceito da paisagem observada e sentida.

Na sequência tiveram que responder, em uma questão aberta, como foi viver essa experiência. As respostas dos grupos foram analisadas tendo como método a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2016), obedecendo à seguinte ordem: pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

Embora tenham realizado a mesma atividade, os estudantes foram afetados de forma diferente. Nos relatos, que variaram entre 3 e 20 linhas, apresentaram diferentes percepções acerca da vivência. Diante disso, foram levantados os índices (temas) e indicadores. Após isso, as unidades de análise foram definidas, nesta sequência:

- 1- **Aflorar dos sentidos:** revela uma observação atenta cujo foco está na descrição das percepções sensoriais (ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir) e na descoberta de elementos na paisagem.
 - 2- **Reflexão:** suscitou questionamentos e críticas acerca do meio ambiente.
 - 3- **Formação:** provocou reflexão sobre a docência ou formação humana.
 - 4- **Aflorar dos sentimentos:** despertou sentimentos como alegria, paz etc.
 - 5- **Memórias:** lembrou de fatos de experiência pessoal.
 - 6- **Contemplação:** identificou beleza ou admiração aos aspectos observados.

- 7- **Desaceleração da rotina:** fez relação entre a vida acelerada e o reconhecimento da importância do pausar.

As mensagens contidas nos textos foram destacadas, em cores diferentes, conforme as unidades de análise mencionadas. A seguir, serão apresentados os resultados e a discussão.

PAISAGENS MULTISENSORIAIS: o que dizem os estudantes de pedagogia

A amostra deste estudo consistiu nos textos produzidos por 21 grupos, variando entre dois ou três integrantes, que tiveram que comentar como foi a experiência em observar a paisagem a partir dos diferentes sentidos. Do total, dois grupos optaram por fazer apenas uma reflexão do que foi vivido, sem descrever as informações captadas pelos órgãos do sentido, os demais descreveram o que chamou mais atenção na paisagem, que envolveu os aspectos visuais, olfativos, táteis, auditivos e os sentimentos. Embora a atividade valorizasse a visão, o tato, o olfato e a audição, três grupos limitaram seus relatos aos aspectos visuais da paisagem; seis grupos contemplaram os quatro sentidos e os demais variavam entre dois ou três. Em dezesseis relatos, estiveram presentes os objetos e elementos da natureza que foram visualizados, e alguns afirmaram que foi possível perceber e descobrir detalhes da paisagem.

As pessoas captam informações do mundo em que vivem pelos diferentes órgãos do sentido (Tuan, 2012). Para o autor, no mundo contemporâneo e nas sociedades mais urbanizadas, a visão é mais usada e valorizada em detrimento dos demais órgãos receptores. Somos, predominantemente, seres altamente visuais. Parte expressiva das informações que captamos do meio advém da visão. Nesta pesquisa, foi possível observar a predominância das informações visuais obtidas pela observação da paisagem pelos estudantes, que ressaltaram detalhes como cores, formas, objetos e espécies. Em parte dos relatos, alguns grupos mencionaram algumas descobertas, como musgos, diversidade de espécies de plantas e animais, ninho de pica-pau, “árvore nascendo em outra árvore” (inosculação) e uma piscina abandonada.

Além disso, foi bem interessante destacar o ninho de pica-pau que vimos no poste, assim como comentei na aula, essa foi uma observação bem importante

[...] não consegui visualizar esse ninho que era em frente ao local onde tinha aula todos os dias. (Grupo 21)⁴

[...] há um campo de futebol e nele havia adolescentes entre 14 e 16 anos jogando bola e uma piscina abandonada, cheia e com água extremamente turva e suja [...]. Paramos em uma sombra de um grande pé de manga, que estava repleto de mangas verdes e no topo umas já maduras. (Grupo 17).

Permitir um tempo para que seja possível a observação atenta é abrir espaço para deixar a paisagem se comunicar conosco, para que os detalhes possam “emergir” aos nossos olhos. Mendonça e Neiman (2013) enfatizam que, para potencializar as atividades em ambientes abertos, é preciso observar e vivenciar o que compõe a paisagem, é dar abertura para o imprevisível, para as descobertas, para a curiosidade, para os questionamentos. É preciso dar espaço para que seja possível o sentir, o contemplar e o refletir. Na perspectiva de Ingold (2010, p. 21)):

Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo. Aqui, o papel do tutor é criar situações nas quais o iniciante é instruído a cuidar especialmente deste ou daquele aspecto do que pode ser visto, tocado ou ouvido, para poder assim ‘pegar o jeito’ da coisa. Aprender, neste sentido, é equivalente a uma ‘educação da atenção’.

Em relação à audição, os grupos detectaram barulhos diversos, como o canto e a movimentação dos pássaros; conversas, vozes e risos; sons do balançar das árvores e das folhas; do vento; de animais diversos; crianças chutando bola; abrir e fechar de portas; de carros; de música; do contato do pé com o solo ou piso. Para Tuan (2012), a nossa vivência no espaço é potencializada com as informações advindas da audição, pois somos sensíveis ao que ouvimos. A paisagem é também composta por sons.

Identificamos como o mais presente o barulho dos automóveis que passavam na rodovia, em seguida de alguns pássaros, reconhecemos o Bem-te-vi, já a Maria conseguiu ouvir o som de alguns urubus que estavam no telhado. (Grupo 17)

[...] o som de pássaros e do vento balançando as folhas, e aos poucos os alunos e funcionários foram chegando, e o ambiente é tomado por conversas e risos. (Grupo 4)

Os aromas e odores também estiveram presentes nas paisagens. Alguns apenas informaram a presença de cheiros bons e ruins e observaram a mudança dos odores dentro no mesmo espaço. Outros discriminaram aquilo que pôde ser sentido pelo olfato,

⁴ Será respeitada a forma de escrita apresentada nos relatos.

como o cheiro da terra úmida, da chuva, das plantas, do perfume das flores, da madeira, da fruta podre, do mato, da fruta, de comida e do produto de limpeza. “O odor tem o poder de evocar lembranças vividas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas” (Tuan, 2012, p. 27). Para o autor, os cheiros têm uma característica muito peculiar de nos transportar pelo tempo de forma fidedigna. A paisagem pode ser outra ou ter sofrido as alterações do tempo, mas o cheiro específico, que nos remete a memórias, permanece inalterado e inconfundível.

[...] quando se deparou com um pé de manga e em seguida fechou os olhos para sentir o cheiro, remeteu-a quando ela vai ao sítio de seus familiares apanhar fruta. (Grupo 17)

[...] o cheiro da madeira nos lembrou a casa de nossos avós e nos trouxe o sentimento de aconchego. (Grupo 14)

A paisagem, e tudo que nela está envolvido, pode ser fonte de memórias. Aromas, odores, sabores, sons e imagens podem, de forma inesperada, acessar sentimentos, histórias, sensações, transportando-nos para o passado e para as lembranças, até então, adormecidas. “[...] vivemos no automático e acabamos não valorizando espaços que nos trazem boas lembranças” (Grupo 19).

A pele é o maior órgão do nosso corpo. Nessa experiência, os estudantes puderam sentir o vento no rosto, o frescor do vento, a brisa, o calor, o cabelo balançar, a mudança de temperatura e, até mesmo, “a sensação térmica perfeita” (Grupo 4). Muitas vezes podemos associar o tato apenas ao toque das mãos, que nos fornece informações sobre a aspereza, maciez, quente, frio, consistência e peso. No entanto, toda a nossa pele sente o toque, a textura, a temperatura, ou seja, todo o nosso corpo está captando informações do ambiente (Tuan, 2012). Somos seres inseparáveis dessa constante e, muitas vezes, util interação.

Convém mencionar, que o sentido do paladar se fez, indiretamente, presente em alguns relatos, ao mencionarem a observação de árvores frutíferas e os aromas dos alimentos. Ouvir, ver, cheirar e sentir não é algo acessório ou secundário. Tais sentidos são fundamentais para a compreensão dos lugares à nossa volta e ampliam a nossa capacidade de percepção de mundo. Fazer isso de forma mais consciente permite que nos tornemos mais presentes e mais inteiros diante da vida. Tuan (2012) argumenta que todo indivíduo capta informações e percebe o mundo através de todos os órgãos do sentido. Para ele, ver é uma experiência mais abstrata em relação aos demais sentidos.

Sentir o cheiro de algo familiar, o gosto saboroso de uma fruta, o toque suave em nossa pele provoca sensações muito pessoais, que a visão, por si só, não nos proporciona. Logo, os órgãos do sentido estão o tempo todo nos fornecendo inúmeras informações sobre o mundo em que vivemos. Ao experienciar os lugares, estamos, simultaneamente, envolvendo aspectos de natureza “física, mental, sensorial, psicológica no espaço vivido” (Tuan, 2018, p 4).

Ao analisar os relatos, ficou claro que tal experiência aproximou boa parte das pessoas da sua humanidade mais sensível e fez emergir sentimentos, memórias e reflexões. Alguns grupos relataram que a observação da paisagem suscitou reflexões acerca de questões ambientais, de formação humana e profissional. Eles mencionaram que, a partir da observação, somos capazes de ver uma paisagem diferente, perceber detalhes; que é a partir de uma observação atenta que conseguimos perceber realmente o que faz parte do nosso cotidiano, permitindo maior conexão e sensibilidade.

Foi um momento que possibilitou enxergar a paisagem de uma maneira única e pessoal. (Grupo 10)

Sentimos uma certa inconformidade com a invasão do meio urbano com a natureza. Pois nas áreas que eram naturais, foram construídas estruturas para beneficiar os seres humanos, mas não recebem os cuidados nem a preservação adequada, prejudicando o meio ambiente. (Grupo 17)

[...] é muito bom retomar comportamentos humanos de percepção e humanização por meio das observações dos momentos do dia-a-dia, já que muitas vezes esquecemos esse nosso lado humano de ser. (Grupo 20)

[...] ter esta dinâmica diferente foi muito emocionante, gostei de ter uma atividade ao ar livre, e percebi que ter este interesse no ambiente e tentar fazer com estes espaços uma atividade ou uma experiência com as crianças poderá incentivá-las a aprender e conhecer o mundo. (Grupo 5)

Alguns sentimentos afloraram durante a atividade. Entre eles, destacam-se a calma, a alegria, a paz, o prazer, o conforto, o aconchego, a tranquilidade e a inconformidade. Em um dos grupos, foi possível perceber de forma nítida o sentimento de topofilia ao espaço observado. “Este é um dos lugares que gosto [...] traz uma sensação de calma, me faz sentir em casa [...]” (Grupo 4).

O termo topofilia é definido pelos laços afetivos que nutrimos pelos lugares. A forma e o motivo pelos quais os espaços podem nos afetar são diversos e diferem em intensidade e nos modos de expressão (Tuan, 2012). Contemplar a beleza de determinados lugares, o contato direto e físico com meio ambiente natural, o sentimento de bem-estar, a familiaridade e muitas outras experiências podem nos conectar com os

espaços a ponto de desenvolver afeição, que pode ser efêmera ou duradoura, profunda ou superficial. Entretanto, os sentimentos mais duradouros e viscerais são aqueles atravessados por memórias marcantes, histórias de vida. “O lugar pode adquirir profundo significado para um adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma história” (Tuan, 2013, p. 47).

O observar a paisagem como um momento de desaceleração foi um aspecto recorrente em vários grupos. O sentimento de viver de forma acelerada nos causa certa “cegueira” para determinados aspectos do ambiente que nos rodeia.

[...] muito relaxante sentir as sensações que aquele ambiente pôde proporcionar para o corpo e mente [...], nos dias atuais vivemos sempre hiperestimulados pela tecnologia e a correria do dia-a-dia. (Grupo 13)

[...] foi importante lembrar que ainda temos momentos de tranquilidade em um mundo caótico por meio das questões que estamos enfrentando. (Grupo 20)

Eu gostei muito da atividade, foi muito bom e tranquilo, ajudou a desacelerar um pouco, a descansar, trouxe uma paz, nós estamos sempre correndo que nem percebemos o quanto rico é o lugar onde estamos. (Grupo 15)

Diante das reflexões que os estudantes fizeram acerca do mundo acelerado e problemático em que vivemos, vale a pena ressaltar que esse não é um problema que afeta apenas os adultos. Ao contrário, as crianças também sofrem o impacto dessa aceleração, do excesso do uso das tecnologias e da falta de contato com ambientes naturais. Becker *et al.* (2019) chamam atenção para o estilo de vida de boa parte das pessoas que vivem em grandes centros urbanizados. Entre os problemas elencados, que afetam crianças, jovens e adultos, estão o distanciamento de vivências na natureza, a poluição, a violência, o “confinamento”, a intoxicação de conteúdos digitais, excesso de compromissos e outros. Tal contexto impacta negativamente e de forma ampla a saúde das pessoas em vários aspectos.

Em vista dessa realidade, pensar em práticas pedagógicas que possibilitem o contato com a natureza, o exercício do olhar atento, o pausar, o contemplar, dar espaço para perceber as próprias sensações, deixar emergir os sentimentos, criar condições para descobertas acerca do espaço vivido pode potencializar a nossa capacidade de reflexão e a compreensão da realidade, tanto de conteúdos da geografia quanto da educação ambiental.

CONCLUSÃO

Neste artigo buscou-se analisar as percepções de estudantes de pedagogia sobre uma vivência de observação da paisagem, numa perspectiva multissensorial. Os dados revelaram que a observação da paisagem proporcionou uma percepção mais nítida, captada pelos órgãos dos sentidos (ver, olhar, ouvir e sentir), o aflorar de sentimentos, a possibilidade de contemplação, a topofilia, o acessar de memórias, a reflexão sobre questões ambientais e a formação profissional e humana (em sentido amplo). Os estudantes puderam compreender e vivenciar o conceito de paisagem em sua complexidade, que implica em ir além daquilo que os olhos podem ver.

A atividade impactou os estudantes de forma muito positiva e foi além da compreensão de um conceito. Isso nos convoca a pensar na formação inicial docente e na importância de proporcionar experiências mais sensíveis, que consigam conciliar teoria e prática, que conecte as pessoas aos seus espaços vividos, que relate o conteúdo com a vida, que amplie o repertório de vivências, muitas vezes limitados e, de certa forma, empobrecidos, pois somos engolidos por uma rotina acelerada. Dar espaço para a sensibilidade não é um luxo, é uma necessidade quando se deseja formar cidadãos capazes de um olhar menos antropocêntrico, que consigam realmente “enxergar” e respeitar os outros seres viventes e se conectar com sua humanidade mais refinada. Ao valorizar o sensível, não se está desconsiderando a postura crítica que temos que ter diante das problemáticas que acometem a nossa vida. Ao contrário, pode estar ampliando a nossa capacidade de reflexão e, principalmente, reconhecendo que somos razão e emoção, objetivo e subjetivo, aspectos inseparáveis da nossa existência.

REFERÊNCIAS

BECKER, Daniel *et al.* **Manual de orientação**. Grupo de trabalho em saúde e natureza. Benefícios da natureza no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Sociedade Brasileira de Pediatria. Rio de Janeiro. p. 1-28. 2019. Disponível em https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2019/05/manual_orientacao_sbp_cen.pdf. Acesso em 12 de julho 2025.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**, Lei nº 9795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 27 abr. 1999. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm Acesso em 19 de novembro 2025.

BRITO, Luis Gonçalves. Futuros possíveis dos mundos sociais mais que humanos: entrevista com Anna Tsing. **Horiz. Antropol.**, ano 27, n. 60, p. 405-417, mai./ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/Ty3bB7M9YRHOr8cvJwHcPJf/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 19 de novembro 2025.

FEDRIZZI, Beatriz Maria; OWENS, Patsy. Paisagem. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (Orgs.) **Psicologia ambiental**: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

FELICIO, Willian Franco. Concepções sobre o ensino de paisagem e sua inserção no ensino de geografia: elementos para a sua investigação. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 11, n. 21, p. 05-27, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/992> Acesso em 19 de novembro 2025.

FERREIRA, Rafael Bastos. Fenomenologia da paisagem: prolegômenos de uma geografia das essências. **Ref. Nufen: Phenon. Interd.**, Belém, v. 9, n. 2, p. mai./ago. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200005 Acesso em 19 de novembro 2025.

HOLLIVER, Gabriel. Uma antropologia que dança: algumas notas sobre paisagens de conceitos em Anna Tsing. **Anuário Antropológico**, v. 45, n.3, p. 189-202, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/6653> Acesso em 19 de novembro 2025.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n.1, p. 6-25, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/6777> Acesso em 19 de novembro 2025.

LAYRARGUES, Philipe Pomier; LIMA, Gustavo Pereira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XVII, n.1, p. 23-40, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/8FP6nynhjdZ4hYdqVFDYRtx/?format=html&lang=pt> Acesso em 19 de novembro 2025.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 13, p. 45-46, jan./jun., 2002. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7424> Acesso em 19 de novembro 2025.

MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. **A natureza como educadora:** transdisciplinaridade e educação ambiental em atividades extraclasse. 2.ed. São Paulo: Aquariana, 2013.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado:** Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel (Orgs.). **Educação Ambiental:** pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

TSING, Anna Lowenhaupt. Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos). **Cadernos do Lepaarrq**, v. XV, n. 30, p. 367-382, jul-dez, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/lepaarrq/article/view/13315/0>
Acesso em 19 de novembro 2025.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150>
Acesso em 19 de novembro 2025.